



DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Challenges and strategies in the teaching practice of physical education teachers with students with autism spectrum disorder

Thiely Kistt Santos¹
Patrick da Silveira Gonçalves²

RESUMO

A prática pedagógica dos professores de Educação Física para a inclusão de alunos com TEA ainda apresenta-se como um desafio para os sistemas educacionais, sejam eles públicos ou privados. Sendo assim, o presente estudo buscou identificar os desafios e estratégias encontradas pelos professores de Educação Física em suas aulas para a inclusão de estudantes com TEA. A metodologia usada foi a revisão integrativa, na qual utilizou-se a base de dados do Google Scholar. Foram analisados sete estudos publicados entre os anos 2016 a 2020. Entre os desafios encontrados pelos professores, destacam-se a falta de formação sobre a temática da inclusão e as diferentes características que apresentam os sujeitos com TEA. Entre as estratégias, destaca-se conhecer o aluno de forma individual e oferecer atividades com base nas possibilidades dos estudantes. Conclui-se que a inclusão do indivíduo com TEA não depende somente do professor de Educação Física e sua prática pedagógica com estratégias facilitadoras, mas sim, um conjunto de ações de toda a comunidade escolar para poder beneficiar com qualidade essa inclusão.

ABSTRACT

The pedagogical practice of Physical Education teachers for the inclusion of students with ASD, as it still presents itself as a challenge for educational systems, whether public or private. Thus, this study sought to identify the challenges and strategies encountered by Physical Education teachers in their classes for the inclusion of students with ASD. The methodology used was the integrative review, in which the Google Scholar database was used. Seven studies published between the years 2016 to 2020 were analyzed. Among the challenges faced by teachers, the lack of training on the theme of inclusion and the different characteristics that subjects with ASD present stand out. Among the strategies, it stands out to know the student individually and offer activities based on the possibilities of the students. It is concluded that the inclusion of individuals with ASD does not depend only on the Physical Education teacher and their pedagogical practice with facilitating strategies, but rather a set of actions for the entire school community to be able to benefit from this inclusion with quality.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Educação Física escolar, Prática pedagógica, Barreiras e Facilitadores.

Keywords: Inclusive education, Autistic Spectrum Disorder, Physical Education at school, Pedagogical practice, Barriers and Facilitators.

¹ Graduada em Educação Física, na Universidade La Salle - Canoas, RS, Brasil. E-mail: thielykistt@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3957-8136>.

² Mestre em Ciências do Movimento Humano, na Universidade La Salle - Canoas, RS, Brasil. E-mail: Patrick-gonc@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6247-9948>.





1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar enquanto tema de investigação tem, ultimamente, aparecido com maior frequência nas discussões dos professores e pesquisadores da educação. Em especial, os últimos anos, que foram marcados por importantes avanços no âmbito legal, fomentaram o debate acerca da escola e seu papel de promoção de uma sociedade inclusiva. É viável pensar que as últimas décadas foram marcadas por importantes avanços no que diz respeito à proposição de dispositivos legais que buscam promover a inclusão nas diferentes instituições, inclusive naquelas destinadas ao ensino regular de crianças e jovens. Chama a atenção que, embora os alunos com deficiência possam estar frequentando as escolas do ensino regular, nem todos os profissionais que nelas atuam sentem-se preparados o suficiente para recebê-los e conduzi-los em seu processo de ensino-aprendizagem (FIORINI; MANZINI, 2014).

Entendemos que o tema da inclusão escolar tem sido alvo de muitas discussões nos últimos anos, principalmente com o aumento de matrículas de alunos com deficiência nas escolas regulares. O direito à matrícula de alunos com deficiência em escolas regulares no Brasil é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) e pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), as quais determinam que estudantes com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação sejam preferencialmente incluídos em escolas de ensino regular.

Dentre os sujeitos com deficiência que podemos encontrar nas escolas de ensino regular, estão aqueles com TEA. Apesar dos diferentes estudos e pesquisas acerca da definição e do diagnóstico, sabe-se que o estudante com TEA pode apresentar déficits persistentes nas suas habilidades sociais e de linguagem e, possivelmente, ter como consequência atrasos na fala, na aprendizagem e na aquisição e desenvolvimento das suas habilidades motoras.

Isso pode acarretar desafios para os profissionais de educação que lidam com essas crianças que apresentam atrasos no desenvolvimento, entre outras características, no qual um destes desafios é o de identificação do autismo quanto ao desenvolvimento do indivíduo. Rapin e Tuchman (2008) descrevem o TEA como um distúrbio complexo do desenvolvimento com grande variabilidade quanto aos padrões de comportamento, aquisição de habilidades sociais e comunicativas.

Como o professor é considerado uma referência para o aluno, a formação enfatiza a importância de seu papel em ensinar todos os seus alunos, tanto na construção do conhecimento, como na formação de atitudes e valores do cidadão. Deste modo, a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino, podendo ser bem complexa. Como por exemplo, o professor pode não ter formação sobre a área da inclusão mas, anteriormente pode já ter tido experiências e práticas pedagógicas ao vivenciar o contato com a inclusão, e isto também é de grande valia, e ajudaria a lhe dar condições preparatórias para trabalhar com situações do dia-a-dia com uma turma que tenha alunos de inclusão por exemplo com o TEA (CRUZ, 2008).

Além disso, quando se trata da inclusão escolar, se insere nesse contexto as aulas de



Educação Física, sendo ela uma disciplina que tem a interação social e as linguagens corporais presentes em grande parte de seus objetos de conhecimento. Para alguns professores, isso se torna desafiador, pois o docente deve atender e ensinar a turma em sua heterogeneidade. Ressalta-se, ainda, que muitos desses profissionais entendem-se despreparados para atuar com os estudantes com deficiência e os recursos disponíveis, muitas vezes se mostram escassos.

Deste modo, a simples presença desses estudantes nas aulas de classes ditas comuns da escola regular não é garantia de que estejam aprendendo e nem de que a o respeito de suas individualidades sejam respeitadas (FAVORETTO; LAMÔNICA, 2014). Muitas vezes, ao se depararem com um aluno com TEA na sala de aula ou quadra esportiva, muitos professores de Educação Física costumam deixá-los de lado, por não se sentirem preparados para atendê-los (SCHMIDT *et al.*, 2016).

Essa dificuldade dos professores de Educação Física em lidar com alunos de inclusão, podem envolver diversos fatores e muitos podem se perguntar: como irão avaliar estes alunos com notas no final do semestre? Atenderão os alunos com TEA em suas aulas ou atenderão o restante da turma? É possível incluir todos? As adaptações das atividades das aulas serão somente para o aluno com TEA ou os demais alunos irão fazer a mesma atividade adaptada? Isso tudo se torna um dilema complexo, pois o professor fica muitas vezes sem saber como agir em um contexto de inclusão.

Esse tema se coloca em análise, pois nos apresenta importantes pistas para aqueles que têm a responsabilidade ética e legal de garantir condições concretas de inclusão escolar aos estudantes que demandam estratégias diferenciadas para serem tratados e educados de maneira da qual necessitam. Acreditamos que a escola pode se constituir como um espaço-tempo importante no processo de efetivação da inclusão, por meio de um processo de ensino-aprendizagem-avaliação que vislumbre as diferenças entre os sujeitos e viabilize o exercício. Com isso, o presente estudo se propõe a identificar os desafios e estratégias encontradas pelos professores de Educação Física em suas aulas para a inclusão de estudantes com TEA.

2 MÉTODOS

Para a realização da pesquisa, foi utilizado o método de revisão integrativa que, para Polit e Beck (2006), consiste em possibilitar a síntese do estudo de um conhecimento sobre um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos, onde o método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilitando conclusões gerais a respeito de uma área de estudo. No qual se permite também a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, uma vez que sintetiza o que vem sendo produzido acerca de determinado assunto (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Os seguintes critérios de inclusão foram adotados para selecionar os estudos para a análise: a) estudos publicados no período dos anos de 2016 a 2020; b) estudos que abordam a



prática pedagógica na Educação Física escolar para alunos com TEA; c) artigos publicados em periódicos científicos brasileiros. Os critérios de exclusão foram: a) artigos de língua estrangeira; b) trabalhos de conclusão de cursos superiores; c) artigos que abordam a inclusão de alunos na aula de Educação Física com outros transtornos intelectuais que não forem o TEA.

Para o levantamento de dados, foi consultada a base de dados *Google Scholar*. Essa base foi selecionada por apresentar uma ampla variedade de produções de artigos publicados em revistas científicas brasileiras que são de fácil acesso e por contemplar estudos na área da inclusão com alunos com Transtorno do Espectro Autista e da Educação Física escolar. O período de buscas ocorreu no mês de agosto de 2020. Para a busca dos artigos foi utilizado o cruzamento dos seguintes descritores: “Educação Física escolar”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Prática pedagógica”. Foram encontrados 198 estudos. Destes, após a leitura de seus resumos, consideramos sete artigos que se enquadram nos critérios de inclusão e exclusão definidos para analisa-los na íntegra.

Após a leitura dos sete estudos encontramos, buscamos realizar a análise para sistematizar as informações sobre a inclusão de indivíduos com TEA nas aulas de Educação Física. Para tal, utilizamo-nos de dois passos: em um primeiro momento, construímos uma planilha, através da plataforma *Google Docs*, onde pudemos destacar as principais informações dos estudos, (autoria e ano de publicação, título, tipo e metodologia escolhida, local de realização do estudo, periódico publicado). Em seguida, realizamos uma análise do conteúdo de cada um dos estudos, do qual emergiram três grandes categorias: ação docente e inclusão do professorado de Educação Física; principais barreiras e/ou dificuldades relatadas pelos professores de Educação Física; principais estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física no trabalho pedagógico com estudantes com TEA.

3 RESULTADOS

Para a busca de produções acadêmico-científicas, consultamos a base de dados *Google Scholar*. Essa plataforma foi escolhida, pois apresenta uma grande variedade de estudos publicados em periódicos científicos nacionais que abordam a Educação Física Escolar e as práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar. Após a busca por artigos científicos, foi realizada a leitura dos títulos dos estudos e seu local de publicação, seguindo todos os critérios de acordo com o tema proposto. No qual foram selecionados sete artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos anteriormente. Destes sete artigos selecionados, cinco deles são de método qualitativo, no qual um utiliza o método quantitativo para entrevistas e outros artigos utilizam revisão da literatura. Foi observado que a maioria contém amostras da Região Sudeste (n=4) e Sul (n=2), e somente um do Centro-Oeste. O tamanho da amostra deste estudo tem como média de 100 alunos e/ou professores. Resultados da busca nas bases de dados e seleção de artigos pertinentes apresentados no quadro 1.



Quadro 1- Quadro demonstrativo dos estudos encontrados em periódicos nacionais.

Autor/Ano	Título do trabalho	Revista publicada
Catelli, Assis e D'Antino (2016)	O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo	CIAIQ
Maia, Bataglion e Mazo (2020)	Alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular: Relatos de professores de Educação Física	Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada
Costa, Ferreira e Leitão (2017)	Aulas de educação física: inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista	Educação Online
Silva e Oliveira (2018)	Contribuição da Educação Física escolar para crianças com Espectro Autista	Diálogos Interdisciplinares
Gonçalves <i>et al.</i> (2019)	Barreiras e facilitadores para prática de atividades físicas em crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista de Uruguaiana - RS	Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada
Silva, e Vala (2017)	Reflexão sobre a prática inclusiva do profissional de Educação Física com alunos autistas em escolas municipais de Sorriso/MT	Revista Científica Cultural
Dias e Borragine (2020)	A inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar	Revista Expressão da Estácio

Fonte: Elaborado pelos autores

4 DISCUSSÃO

Nessa seção, abordamos os principais resultados identificados nos estudos que analisamos. Em um primeiro momento, destacamos a formação dos professores e o planejamento da prática pedagógica como elementos que se articulam à inclusão. Em um segundo momento, destacamos como os artigos abordam e retratam os sujeitos com TEA, entendendo que este é um ponto de partida para se pensar a ação docente. Em seguida, apontamos as principais barreiras e/ou dificuldades relatadas pelos professores de Educação Física na inclusão do estudante com TEA. Por último, buscamos elencar as estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física na inclusão do indivíduo com TEA.

4.1 Formação dos professores e planejamento da prática pedagógica

Na pesquisa realizada por Silva e Vala (2017) com o título: Reflexão sobre a prática inclusiva do profissional de Educação Física com alunos autistas em escolas municipais de Sorriso/MT, apresentou dados obtidos através de questionários aplicados a professores de Educação Física sobre três categorias: 1- Conceito de autismo; 2- Experiência profissional; 3- Inclusão. Na primeira categoria que trata entendimento sobre a definição do autismo, foi evidenciado que 100% dos profissionais entrevistados possuem um conhecimento inadequado sobre o Transtorno Espectro autista.

Em relação a formação e a prática dos profissionais envolvidos na pesquisa, observa-se



que 83,33% deles não possuem nenhuma formação específica para se trabalhar com crianças acometidas pelo TEA, sendo que, os 83,33% dos profissionais participantes procuram estar realizando cursos na área da educação especial para agregar na sua atuação profissional. Desta forma, com base na especialização dos entrevistados, a rede municipal de educação de Sorriso carece de especialistas para promoverem a inclusão desses alunos nas aulas.

É de extrema importância a necessidade de especialização de formação contínua dos profissionais da educação, pois requer elaboração, adaptação e aplicação com êxito em suas ações pedagógicas, pois a sua capacitação influencia diretamente em sua ação prática profissional, ao ponto de estabelecer melhor desenvolvimento para os mais variados transtornos do neurodesenvolvimento presentes na população escolar.

Segundo Falkenbach, Diesel e Oliveira (2010), é importante saber que ferramentas pedagógicas podem ser usadas para colaborar com o avanço da criança autista, o brincar é uma possibilidade pedagógica encontrada dentro da diversificação de conteúdos da Educação Física. Dessa forma, colabora diretamente com o desenvolvimento do aluno com autismo, pois trabalha com a concentração, equilíbrio, ritmo e agilidade.

Nesta mesma pesquisa foi observada na parte do planejamento das aulas e visando a inclusão dos alunos cometidos pelo transtorno, 100% dos profissionais relataram no questionário que não realizam planejamento diferenciado para estes alunos, mas que realizavam seus planejamentos e aulas, já considerando o aluno. E que 100% destes profissionais deparam-se com dificuldades específicas para atuar com o TEA, relatando assim que as dificuldades provêm da baixa interação social, baixo nível de comunicação, interesses repetitivos e restritivos, dificuldades em trabalhar em grupo, de entender e realizar comandos, nos quais são características do transtorno, além da falta de infraestrutura escolar, e de baixa integração dos pais.

Lembrando que não é somente planejar as aulas com os materiais necessários em locais adequados, os professores de Educação Física devem apresentar uma boa desenvoltura com estratégias para que possam intervir no desenvolvimento de seus alunos com TEA, levando em consideração as possíveis e necessárias adaptações durante as aulas previamente planejadas. Sendo além de profissional, um companheiro apto a ajudar a criança a superar suas dificuldades com carinho e amor.

Nessa mesma linha de pesquisa, o estudo de Catelli *et al.*, (2016) trouxe como tema: O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo. Onde se objetivou pesquisar e analisar as experiências de professores de Educação Física na inclusão de alunos com TEA. Para este estudo foi utilizada a entrevista com um roteiro com 9 perguntas para primeiramente analisar o perfil dos professores. Sobre a prática pedagógica dos professores, foram realizados os seguintes questionamentos: Quais as estratégias utilizadas por ele na inclusão de alunos com TEA; se há participação efetiva do professor nos ATPCs (Aula de Trabalhos Pedagógicos Coletivos) e no Projeto Político Pedagógico; se o mesmo recebe informações da professora da sala recursos com professores



especializados ou da coordenadora pedagógica; e quais são os facilitadores e os dificultadores em sua prática pedagógica.

O estudo possibilitou verificar a grande dificuldade que os profissionais de educação têm em relação com esses alunos, seja pela falta de informação, formação, pela falta de apoio da gestão escolar e pela discussão multidisciplinar que afeta diretamente o aluno. Todos esses fatores foram identificados como dificultadores (barreiras) do processo de ensino e aprendizagem. Foi observado neste trabalho um déficit na prática profissional dos professores, no qual não há trocas de experiências entre equipe escolar e equipe gestora, e com isso não há um planejamento adaptado e adequado para o aluno com TEA.

Através disso podemos entender a dificuldade que o profissional de Educação Física tem em ser ouvido em algumas escolas, principalmente quando tentam de alguma maneira inserir esse aluno em suas aulas. Em um dos relatos citados na pesquisa por um professor de Educação Física no qual informou da não participação dele no Projeto Político Pedagógico (PPP) e da não discussão dos casos de alunos com TEA em reuniões pedagógicas.

4.2 Características físicas e motoras do aluno com TEA / Componente curricular

Nessa perspectiva Dias e Borragine (2020) trazem em seu estudo o objetivo de compreender as dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física ao incluir um aluno com TEA em suas aulas e buscou informações quanto às alterações em termos de socialização, assim como o papel da Educação Física nesse cenário e os meios para uma prática inclusiva. No qual o estudo mostra que existem grandes dificuldades para tal inclusão, no entanto esta é possível.

Diante deste estudo, registra-se que crianças com TEA apresentam muitas dificuldades motoras e normalmente elas não apresentam interesse em executar atividades físicas, identificando pouca aptidão para participar de brincadeiras em grupo ou para estabelecer relações de amizade causada, muitas vezes, pela falta de interação social e ao meio em que vivem.

Agregando a isso, Gonçalves *et al.* (2019) apresentaram em seu estudo que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são mais propensas a fatores como sobrepeso e obesidade quando comparados com a população geral, no qual os resultados encontrados mostraram primeiramente que a média do IMC total dos participantes (24,99) está acima dos pontos de corte da zona de risco à saúde, sendo que 30% dos sujeitos não praticam nenhum tipo de atividade física, pois possuem grandes dificuldades em praticar exercícios físicos de forma estruturada, além do isolamento social o que possibilita o aumento de sedentarismo e corrobora com os dados desta pesquisa.

A atividade física é de extrema importância para estes indivíduos e pode trazer um enorme benefício. Dentre eles, a melhora significativa na força muscular, a resistência, a flexibilidade, a aptidão cardiovascular, além da significativa redução do índice de massa corporal, tornando eles mais independentes em suas atividades diárias. A prática esportiva para pessoas com TEA,



traz benefícios para o seu desenvolvimento geral, principalmente a quebra de barreiras no qual possibilitam a convivência social e afetiva e estimulam as capacidades interativas.

Em relação a essas capacidades interativas e sociais, o estudo de Silva e Oliveira (2018), analisou se as práticas corporais aplicadas nas aulas de Educação Física escolar auxiliam na interação do aluno com o TEA, como também investiga efeitos das aulas no comportamento do aluno. Esta pesquisa se baseou em um estudo de caso de um aluno de sete anos com diagnóstico do espectro autista, em uma escola pública da rede estadual no Alto Tietê. E utilizou-se como instrumento de coleta de dados a CARS - *Childhood Autism Rating Scale* ou Escala de Avaliação do Autismo na Infância, com uma escala de 15 itens que auxilia na identificação de crianças com autismo e as distingue de crianças com prejuízos do desenvolvimento sem autismo.

No qual se concluiu que o aluno apresentou déficits quanto a interação social e a comunicação verbal, porém nas atividades propostas nas aulas de Educação Física, levaram o aluno a ter o contato com as demais crianças, possibilitando que essas áreas fossem trabalhadas.

Quadro 2- Barreiras encontradas/citadas pelos professores de Educação Física para a inclusão do aluno com TEA em suas aulas.

1- Falta de informações e formação dos professores em respeito ao TEA;
2- Ausência de uma formação pedagógica continuada pelos professores;
3- Falta de apoio e interesse da equipe escolar em relação à inclusão e de estratégias para um projeto integrado para o aluno com TEA;
4- Baixa integração dos familiares;
5- Falta de materiais e de infraestrutura escolar;
6- Dificuldades que provêm das características do transtorno; (agressividade, dispersão, comunicação, agitação, etc)
7- Sobrepeso e obesidade do aluno com TEA;
8- Dificuldades em manter um trabalho sequencial com a turma;
9- O aluno com TEA não consegue atingir os objetivos da aula;
10- Superlotação de alunos por turmas;
11- Falta de conteúdo pedagógico específico para desenvolvimento do aluno com TEA;
12- Ausência de habilidades motoras do aluno com TEA;
13- Ausência do laudo para identificar o grau de autismo;

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.3 Estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física na inclusão do indivíduo com TEA

Na temática sobre estratégias utilizadas por professores de Educação Física para a inclusão do estudante com TEA foram identificados em alguns artigos que as brincadeiras, jogos e movimentos que são naturais nessas aulas, proporcionam à criança com TEA o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo aumentando as suas potencialidades e



possibilidades. Sendo ótimas ferramentas para estimular a interação das crianças com TEA com as demais pessoas, além de proporcionar ao aluno um envolvimento que não é trabalhado nas atividades cotidianas.

O estudo apresentado por Maia, Bataglion e Mazo (2020), teve como base entrevistas com oito professores de Educação Física entre escolas públicas e privadas, que possuíam alunos com TEA em suas turmas, para identificar diversos aspectos como: a participação destes nas aulas de Educação Física com relação em seguir rotinas, atividades, materiais e colegas. Observando as falas dos entrevistados, é possível perceber que a presença do aluno com TEA não é vista como um problema à docência, mas sim como uma fonte de desafios, em que a busca de por novas estratégias didático-pedagógicas deve ser constantes, a fim de dar condições necessárias a inclusão de tais alunos nas aulas.

O colaborador do estudo relatou que cada um de seus três alunos com TEA é de um jeito, e procurou conhecê-los profundamente, seus gostos e suas preferências, a fim de conseguir lidar com suas particularidades. No qual, esse relato também foi apontado por outros professores deste mesmo estudo, que está de acordo com Schliemann (2013, p. 34): “[...] estratégias e técnicas de ensino devem, portanto, ser adaptadas e voltadas para as características individuais de cada aluno autista para garantir a sua participação em atividades físicas e esportivas de forma saudável e prazerosa”. Assim, surge a necessidade do professor de conhecer seu aluno para assim propor atividades que produzam maior interesse. Inclusive, um dos professores explicou que utiliza a música como instrumento de engajamento e estimula a atenção de seus alunos. Os entrevistados também citaram a tendência em seguir rotinas. Isto é, foram relatados melhores engajamentos nas aulas compostas por conteúdos já apresentados e desenvolvidos previamente, em aulas anteriores. Isso indica a relevância de que os docentes atentem para o fornecimento prévio de informações aos alunos com TEA sobre o que será trabalhado em cada aula.

Conforme de outra colaboradora do mesmo estudo, a ausência de engajamento em determinadas atividades pode ser decorrente da falta de conhecimento prévio sobre o que foi solicitado. No entanto, a não participação nem sempre significa que o aluno não está investindo em seu aprendizado. É possível que a primeira aula sobre um determinado assunto seja utilizada pelo aluno com TEA como um momento de reconhecimento da tarefa, não sendo, no entanto, executada imediatamente, conforme esperado pelo professor. Assim, vale mencionar que nem sempre os alunos com TEA participam ativamente da atividade no momento da proposta, mas, muitas vezes, ao repetir-se a prática em aula posterior, eles realizam (MAIA; BATAGLION; MAZO, 2020).

Tomé (2007) afirma que crianças com TEA aprendem melhor vendo do que ouvindo e acredita que a melhor forma de ensinar as crianças com TEA é por meio da demonstração. Para Fischer (2019), os fornecimentos de informações evidentes e objetivas, associadas às demonstrações, influenciam de forma positiva a autoconfiança dos próprios alunos com relação ao seu aprendizado sobre os conteúdos e a realização das tarefas. Tomé (2007, p. 240) destaca, ainda, que o docente deve utilizar essa técnica, da demonstração, até que o aluno consiga executar a atividade sem ajuda e deve estimulá-lo a “[...] adquirir a independência mesmo que,



após muitas tentativas, ele não consiga no momento, pois a persistência e o amor pela criança são os grandes aliados do ensino”. A autora cita a estratégia de se adotar um aluno tutor para os alunos com TEA, pois é uma forma de estimular sua participação e interação nas aulas de Educação Física escolar.

Essa estratégia também é citada no estudo de Silva e Vala (2017), no qual os professores entrevistados apontaram este mesmo incentivo e apoio, propondo atividades em duplas, buscando sempre a socialização e o esclarecimento para a turma sobre as dificuldades do colega com TEA em busca da compreensão dos demais a dificuldade do aluno, incentivando a interação para melhor inclusão nas suas aulas.

Schliemann (2013) também refere-se ao aluno tutor como uma estratégia efetiva para incluir crianças com TEA nas aulas de Educação Física, que propõe o trabalho em duplas, no esquema tutor-tutelado, com a posterior inversão de papéis. Nessa lógica, o método apresentado pelo autor (2013) considera que o aluno com TEA, em determinado momento, tenha a oportunidade e seja motivado a assumir o papel de tutor, assim como os seus colegas sem deficiência.

A intervenção deve promover a independência, desenvolvendo um ambiente positivo, adequando uma rotina de atividades sem complexidade e com contexto cultural propício (TOMÉ, 2007). Faz-se importante registrar que, para os indivíduos com TEA, a possibilidade de acesso às outras crianças é bastante benéfica, já que as estimula a se relacionar com outras pessoas, alunos e professores, possibilitando que ela apresente o mesmo tipo de interação fora do ambiente escolar.

Outra professora do estudo de Maia, Bataglion e Mazo (2020) relata que conta com o apoio de professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para o trabalho com os alunos com TEA, mas que utiliza, também, a estratégia dos alunos tutores a fim de aumentar as chances de comunicação, interação e engajamento nas aulas, ressaltando a importância do AEE para o desenvolvimento de aulas adequadas aos alunos com TEA, pois, conforme N: “a professora do ensino especial é capaz de traduzir o conteúdo de suas aulas de uma forma acessível para o aluno com TEA”. Nessa perspectiva, “[...] enquanto o primeiro se responsabiliza pelos conteúdos acadêmicos, cabe ao segundo, buscar as melhores ferramentas de acesso a estes conteúdos” (DIAS; HENRIQUE, 2018, p. 37).

A respeito disso, as autoras Costa, Ferreira e Leitão (2017) destacam a importância de atividades que evoquem os saberes psicomotores e advindos da ludicidade, uma vez que estes podem contribuir não só para o acervo motor como também para outras dimensões humanas, como a dimensão sócioafetiva. Cabe destacar a importância de tais atividades, uma vez que ao indivíduo com TEA, a interação social pode ser extremamente desafiadora e a criação de estratégias para facilitar a socialização pode auxiliar no desenvolvimento destes sujeitos.

Destacamos que os estudos apresentam uma relativa quantidade de dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física no desenvolvimento de seu trabalho. No entanto, em igual amplitude, ressaltamos a quantidade de estratégias às quais os professores de Educação Física recorrem para a efetivação da inclusão, demonstrando que a docência



envolve um processo artesanal de busca pela oferta de experiências que formam o ensino, a aprendizagem e a avaliação.

Quadro 3 - Resultados de estratégias pedagógicas facilitadoras citadas por professores nas aulas de Educação Física para a inclusão de alunos com TEA.

1- Conhecer bem o aluno com e suas características (nível de autismo);
2- Planejar a aula baseado nos limites do estudante;
3- Oferecer atividades exploratórias (não direcionadas);
4 - Desenvolver os conteúdos e práticas ao longo prazo;
5- Demonstração da atividade antes de pedir para realizar;
6- Uso de colegas tutores para auxiliá-lo;
7 - Contar com apoio do AEE (Atendimento Educacional Especializado);
8- Manter diálogo com professores das outras disciplinas sobre o aluno;
9- Promover adaptação das aulas de Educação Física gerando uma maior socialização;
10 - Estimular o desenvolvimento da coordenação motora;
11- Esclarecer para a turma sobre as dificuldades do colega com TEA;
12- Ter apoio da família;
13- Ter empatia;
14- Introduzir nos conteúdos atividades inclusivas e de fácil compreensão e execução para alunos com TEA;
15- Aplicação de atividades psicomotoras e lúdicas;
16- Uso de música nas atividades;

Fonte: Elaborado pelos autores.

5 CONCLUSÃO

Os autores dos artigos selecionados neste estudo apontam estratégias para intervenções de práticas pedagógicas para turmas com alunos com TEA nas aulas de Educação Física, no qual podem ser um facilitador na hora que o professor recebe este aluno e quando for planejar suas aulas.

Em relação às barreiras, é possível perceber através dos artigos que a percepção destas, está ligeiramente ligada à ideia de necessidades do que a ideia de empecilhos ou barreiras por parte dos professores de Educação Física.

A importância da inclusão e da prática pedagógica na Educação Física ajuda a compreender que simplesmente isolar o aluno com TEA não o ajuda e nem facilita a atividade do professor, muito pelo contrário, essas atitudes não só prejudicam o aluno, mas também não agregam na carreira do profissional de Educação Física, pois este pode novamente se deparar com situações similares. A inclusão é importante e necessária, podendo contribuir positivamente na vida do aluno com TEA, dos que o cercam e do professor de Educação Física, que se sentirá cada vez mais seguro em sua atuação e intervenção.

Realizar a inclusão do aluno com TEA nas aulas de Educação Física, não depende somente do professor de Educação Física e sua prática pedagógica com estratégias facilitadoras, mas sim, um conjunto de ações de toda a comunidade escolar para poder beneficiar com qualidade essa inclusão.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 247, p. 2773327834, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 06 de jul. de 2015**. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CATELLI, Carolina Quedas; ASSIS, Silvana Blascovi; D'ANTINO, Maria: **O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo**. São Paulo, 2016. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592/581>

COSTA, Camila Rodrigues; FERREIRA, Mariana Oliveira; LEITÃO, Marcelo Crepaldi. **Aulas de educação física: inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista**. Rio de Janeiro, 2017. <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/341/175>

CRUZ, Gilmar de Carvalho. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente exclusivo**. Londrina: EDUEL, 2008.

DIAS, H. L. A. B.; BORRAGINE, S.O. F. **A inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar**. São Paulo, 2020. <http://periodicos.estacio.br/index.php/REDE/article/view/8453/47966930>

DIAS, S. A.; HENRIQUE, K. E. N. Adaptação de materiais e atividades para uma criança com transtorno do espectro do autismo: o trabalho colaborativo no processo educacional. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 19, n. 1, p. 27-38, 2018.

FALKENBACH, A. P., DIESEL, D.; OLIVEIRA, L. C. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, 2010.

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. jan/mar. 2014, p. 103-116, 2014.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2014. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000300006>.

FISCHER, M. L. Tem um estudante autista na minha Turma! E Agora? O diário reflexivo promovendo a sustentabilidade profissional no desenvolvimento de oportunidades pedagógicas para inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 535-552, 2019.



GONÇALVES, W. R. D. *et al.* Barreiras e facilitadores para prática de atividades físicas em crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista de Uruguaiana - RS. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Uruguaiana, v. 20, n. 1, p. 17-28, 2019.

MAIA, Juliana; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. **Alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular**: Relatos de professores de Educação Física. Porto Alegre e Região Metropolitana, 2020.
<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/article/view/9696>

POLIT, D. F.; BECK, C.T. **Using research in evidence-based nursing practice**. In: POLIT, D. F., BECK, C. T., editors. *Essentials of nursing research. Methods, appraisal and utilization*. Philadelphia (USA): Lippincott Williams & Wilkins; 2006. p.457-94.

RAPIN, I.; TUCHMAN, R. F. What is new in autism? **Current Opinion in Neurology**, Londres, v. 21, n.2, p. 143-1499, 2008.

SCHLIEMANN, A. L. **Esporte e autismo: estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA)**. 55f. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013

SCHMIDT, Carlo *et al.* Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2016.

SILVA, Bruna; OLIVEIRA, Marilene: **Contribuição da Educação Física escolar para crianças com Espectro Autista**. São Paulo, 2018.
<https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/425>

SILVA, Patrícia A. B. M; VALA, Thaís Mendes: **Reflexão sobre a prática inclusiva do profissional de Educação Física com alunos autistas em escolas municipais de Sorriso/MT**. Mato Grosso, 2017.
<http://cientifica.facem.com.br/index.php/revista/article/view/41/40>

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TOMÉ, M. C. Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 8, n. 11, 2007.

Submetido em 01/06/2021

Aceito em 15/07/2021

Publicado em 08/2021